

BENEDITO NUNES E A AMAZÔNIA: REFLEXÕES SOBRE O USO DA TÉCNICA E QUESTÕES AMBIENTAIS¹

*Maria Stella Faciola Pessoa Guimarães*²

*Edna Maria Ramos de Castro*³

Resumo

Benedito Nunes (1929-2011) nasceu e sempre morou em Belém. Seu legado intelectual é expressivo. Notabilizou-se, no Brasil e no exterior, atuando nas áreas de filosofia e crítica literária, com trabalhos seminais sobre Heidegger, Nietzsche, Sartre, Fernando Pessoa, Oswald de Andrade, Guimarães Rosa e Clarice Lispector, que são os mais conhecidos. Mas o pensador paraense também elaborou ensaios, concedeu entrevistas, escreveu prefácios, participou de debates e apresentou palestras com reflexões sobre história, sociedade e culturas da Amazônia. Nessa linha menos divulgada, o pensamento de Benedito é objeto de pesquisa em curso no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea), organismo de pós-graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Este artigo tem foco principal na análise profunda que ele faz sobre o uso da técnica relacionado a questões ambientais em “À margem do livro”, a pretexto de prefaciá-lo um livro sobre ecologia, economia e “ecomia” de outro autor paraense – Armando Mendes, professor e economista que participou ativamente do Naea –,

-
- 1 Transformação em artigo de fragmentos da dissertação *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia*, desenvolvida no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (Guimarães, 2012, 2013; Guimarães; Castro, 2011).
 - 2 Doutoranda. Autora da dissertação em pauta. Universidade Federal do Pará. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Bolsista Capes. Correio eletrônico: stellapessoa@uol.com.br.
 - 3 Doutora. Professora. Orientadora de mestrado/doutorado do projeto de pesquisa em pauta. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – Universidade Federal do Pará. Correio eletrônico: edna.mrcaastro@gmail.com.

sua criação e seu percurso. Ele usa, para entender a região, o patrimônio do pensamento universal que apreendeu com sua esmerada formação e singular trajetória intelectual.

Palavras-chave: Benedito Nunes. Armando Mendes. Amazônia. Ecologia. Uso da técnica.

Abstract

Benedito Nunes (1929-2011) was born and always lived in Belém. His intellectual legacy is expressive. He has become famous in Brazil and abroad, because of his production in philosophy and literary criticism. These seminal works were about Heidegger, Nietzsche, Sartre, Fernando Pessoa, Oswald de Andrade, Guimarães Rosa and Clarice Lispector, just to name the most renowned. But the thinker from Pará also wrote essays, granted interviews, wrote forewords, took part in debates and delivered lectures on reflections on history, society and culture from the Amazon, *in*: this less promoted line, the thinking of Benedito Nunes is an ongoing research object at Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Amazon High Studies Center, Naea), a post-graduation institute connected to the Universidade Federal do Pará (Federal University of Pará, UFPA). This article aims to focus mainly on the deep analysis that Benedito Nunes does about the usage of technique in relation to environmental issues, as stated in “Beyond the Book”, which was written as a foreword for a book about ecology, economy and ‘ecomenia’ by another writer from Pará – Armando Mendes, professor and economist, who was actively involved with Naea since its inception. In order to understand the region, Nunes uses the universal thinking heritage that he learnt along his hard-working education and unique intellectual path.

Keywords: Benedito Nunes. Armando Mendes. Amazon. Ecology. Usage of technique.

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa voltado à leitura da produção intelectual e do estudo da trajetória do paraense Benedito Nunes, atualmente em curso no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea), pode ser demarcado por dois

momentos: a dissertação concluída sob o título *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia* (Guimarães, 2012, 2013) e o doutorado em andamento – cujo projeto de tese é denominado *Benedito Nunes e o pensamento social*.

Os pontos de partida deste texto são fragmentos da dissertação que se voltam principalmente à análise que Benedito fez, chancelada como “À margem do livro” (Nunes, 1996), a respeito do uso da técnica imbricado com questões ambientais – na verdade, é a apresentação do livro *A casa e suas raízes: ensaios sobre ecologia, economia e “ecomomia”*, do professor e economista Armando Mendes (1996). O tema tem reconhecida importância na pauta dos debates críticos sobre a Amazônia, sua história e seus modelos alternativos de desenvolvimento, muitas vezes associados ao uso da técnica provocando impactos no meio ambiente. As considerações de Benedito têm base em Heidegger, como fonte essencial, mas com visão ampla visitam outros autores: Hans Jonas, Gerd Bornheim, Jean-Paul Déleage, James Lovelock, Roderick Frazier Nash, Dominique Bourg, Ernst Bloch, Hannah Arendt, Karl Marx, Giordano Bruno, Teilhard de Chardin e Félix Guattari (Nunes, 1996). O naípe é um indicativo das leituras de Benedito sobre o assunto – devidamente contextualizado e observado de diferentes ângulos. Logo, para entender as nuances da Amazônia, Benedito soube usar o patrimônio do pensamento universal que apreendeu com sua esmerada formação e singular percurso intelectual.

Além deste preâmbulo e breve orientação inicial, o artigo reúne duas partes em sua estrutura, expostas a seguir. A primeira objetiva situar Benedito Nunes, de forma panorâmica, como intelectual da Amazônia, visto através de alguns destaques de sua vida e obra, com foco especial em *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia*. Depois, a segunda seção aborda de maneira mais direta o prefácio “À margem do livro” – um dos textos analisados na dissertação citada que, no total, procurou interpretar 11 trabalhos do professor, devidamente escolhidos como *corpus* da pesquisa, de modo a caracterizar seu pensamento a respeito da região amazônica.

BENEDITO NUNES – BREVE PANORAMA DE VIDA E OBRA

Benedito Nunes nasceu em Belém em 1929 e faleceu em 2011. Bacharelou-se em direito. Casou-se com Maria Sylvia, sua colega de curso superior.

Sempre residiu na capital do Pará, embora tenha feito muitas viagens ao exterior e a outros estados brasileiros, sobretudo voltadas a estudos ou como professor.

Benedito foi auditor do Tribunal de Contas do estado do Pará (TCE), assim como Armando Mendes. Nos anos 1950, a convite do historiador Arthur César Ferreira Reis, trabalhou na antiga Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) durante sua implantação, contribuindo assim na ordem da ação prática. Todavia, mesmo tendo atuado na SPVEA, no início do funcionamento dessa instituição do governo federal, então instalada em Belém, Benedito não se deixou influenciar por discursos tecnocratas a título de desenvolvimento, ou voltados a programas e projetos que desenhavam o futuro de forma superficial ao desconsiderarem a história, ou mesmo impregnados de clichês e modismos de consistência duvidosa, desprovidos de reflexão.

Destarte, sua maior contribuição como intelectual vem da reflexão acadêmica. Foi professor da UFPA e de universidades no exterior: Université de Haute Bretagne – Rennes II (França); University of Texas, em Austin (EUA); Vanderbilt University, em Nashville (EUA); Universidade de Stanford (EUA); Universidade de Yale (EUA); Universidade de Montreal (Canadá) etc. No Collège de France, Benedito foi aluno dos cursos de Paul Ricoeur e de Maurice Merleau-Ponty. Realizou estudos de pós-graduação com pesquisas sobre o Modernismo brasileiro, no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Sorbonne. Foi bolsista da Guggenheim Foundation em 1970.

Benedito Nunes exerceu importantes funções na UFPA: coordenador do Serviço de Teatro; coordenador da publicação dos *Diálogos de Platão*; autor do projeto e da exposição de motivos para criação do curso de Filosofia, que passou a coordenar e dirigir o seu colegiado a partir de 1976.

Na UFPA, aposentou-se em 1992, mas prosseguiu sua trajetória intelectual pronunciando conferências, orientando trabalhos de pós-graduação e dedicando-se à própria produção bibliográfica, cercado de livros da sua biblioteca particular. De 2004 a 2010, participou assiduamente das atividades do Centro de Cultura e Formação Cristã da Arquidiocese de Belém (CCFC), ministrando cursos e fazendo palestras – programação sempre aberta gratuitamente ao público que manifestava interesse em literatura e filosofia, bem como na aproximação das duas áreas do conhecimento, que compõe o traço mais forte da sua obra. Com a ideia desse livre acesso e sem exigência de qualquer espécie de pré-requisito dos interessados nas

apresentações do CCFC, Benedito tinha em mente o modelo do Collège de France, pois teve oportunidade de desfrutá-lo em temporadas de estudos na Europa.

Benedito publicou livros sobre filosofia e literatura, sobretudo em editoras nacionais de grande penetração, tendo recebido duas vezes o Prêmio Jabuti, outorgado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL).

A repercussão do pensamento e da obra de Benedito Nunes em outras instituições universitárias do país já ensejou importantes pesquisas e variadas análises. Em termos de doutorado, enfatizamos as teses concluídas na Universidade de São Paulo (USP), sob o título *Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes* (Tarricone, 2011), e na Universidade de Campinas (Unicamp), intitulada *O lugar de Benedito Nunes na moderna crítica literária brasileira* (Nascimento, 2012, 2013). Benedito é, portanto, referência acadêmica em literatura e filosofia, acumulando leituras e trabalhos seminiais sobre Heidegger, Nietzsche, Sartre, Fernando Pessoa, Oswald de Andrade, Guimarães Rosa e Clarice Lispector – apenas para citar os mais propagados. Nessas esferas, reúne extensa fortuna crítica.

No entanto, a dissertação *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia* caminhou em outra direção impulsionada pelo seguinte fato: sem a mesma divulgação dos seus trabalhos clássicos ligados à filosofia e à literatura, o pensador paraense também escreveu ensaios e prefácios, concedeu entrevistas e apresentou palestras sobre a Amazônia, o Pará, Belém (Guimarães, 2012; Guimarães; Castro, 2011). Como Benedito pensou a região? Foi este o questionamento do início da pesquisa.

Na verdade, o olhar de Benedito para sua região está presente em toda a trajetória do intelectual, com sucessivas interpretações, mesmo não tendo constituído um livro específico. Aparece, de forma espargida ao longo do tempo, embora com alguma concentração nos seus últimos anos de vida. Literatura e filosofia logicamente são também consideradas na sua produção alusiva à Amazônia, pois ele promoveu uma espécie de interseção entre essas áreas do conhecimento – às quais mais se dedicou – e a sua região (Guimarães, 2012; Guimarães; Castro, 2011).

Constata o estudo que, ao trazer à baila a sua região ou a sua trajetória nesta região, o professor não se restringiu a fazer referências locais, pois as reuniu sempre com autores e ideias de cunho universal. Em outras palavras, o acervo de Benedito une questões regionais a perspectivas universalistas, conjugando portanto o local e o universal. A matéria da revista *Ciência Hoje*, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), publi-

cada após o falecimento de Benedito, tem um título que parece ratificar esse pensamento: *Benedito Nunes: amazônico e universal* (Lessa; Kaplan, 2011). Ao se nutrir do compromisso com a cultura e a história da região, Benedito também usou seu olhar cosmopolita para refletir acerca de nossas questões. A propósito, há ainda o depoimento de Márcio Benchimol Barros, que, escrevendo a respeito de Benedito, demonstra que a filosofia pode ligar a Amazônia com o universal. Menciona o que chama de “autoconsciência amazônica”: pertencemos a um “contexto cultural particular”, mas também somos parte “de uma coletividade muito mais ampla, que virtualmente nos conecta a todas as culturas e a toda a história humana” (Barros, 2011, p. 399).

A forma da escrita de Benedito sobre a região amazônica mantém estilo próprio: é reflexiva, ensaística, filosófica, interpretativa, procurando respostas a determinadas indagações e paralelamente lançando outras – abrindo caminhos para a meditação e despertando assim o interesse dos seus leitores na construção do conhecimento. Amarilis Tupiassú (2011, p. 242) entende que a produção de Benedito é “informada, orquestral, ecoante, dialogante”. A exegese de seus trabalhos não deixa dúvida quanto à sua preocupação com o rigor da escrita, a escolha criativa dos títulos, o uso elegante do vocabulário e a estética do texto. O professor tem “sintaxe requintada, mas clara”, procurando fugir do “rançoso jargão acadêmico usual” (Barros, 2011, p. 399).

Com densidade especulativa, em cada tema, o texto de Benedito busca pouco a pouco desvendar a realidade inicialmente ignorada, ampliando “a esfera de sua presença” (Montesquieu, 2005, p. 22), como a fala de um criador pensando em voz alta, como o discurso de quem se aproxima lentamente da verdade, com argumentos tecidos ponto a ponto e apoiados por formação intelectual privilegiada, sabendo fazer arranjos impressionantes de suas leituras. Sua obra organiza e relaciona os saberes, articulando as partes e o todo do texto, de uma forma que demonstra ser prazerosa para o autor, como a concordar com as reflexões de Montesquieu – sobre a alma – no período de extraordinária ebulição do Iluminismo francês:

A alma, independentemente dos prazeres que extrai dos sentidos, experimenta outros que lhe são próprios, como os que lhe despertam a curiosidade, os que lhe dão uma ideia de sua grandeza, de suas perfeições, de sua existência como algo oposto ao sentimento da noite, o prazer de abarcar todo o conteúdo de uma ideia geral, o de ver um grande número de coisas etc., o de comparar, associar e separar ideias. Esses prazeres são inerentes à natureza da alma, independentemente dos sentidos, porque pertencem a todo ser que pensa (Montesquieu, 2005, p. 13).

À MARGEM DO LIVRO: REFLEXÕES DE BENEDITO NUNES

Em 1996, Armando Mendes compilou um conjunto de textos produzidos em diversas ocasiões anteriores, todos elaborados em datas próximas à realização da Eco-92 no Rio de Janeiro: (1) *A Pax Amazonica*, conferência de abertura do seminário de 1991 denominado *A desordem ecológica na Amazônia*, trabalho publicado em livro organizado por Luis Eduardo Aragón; (2) *Os ecos da Eco-92*, artigo editado pelo Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Estado do Pará (Idesp) em 1992; (3) *Breve itinerário dos ecossistemas à ecopoesia: chegadas para o seu traçado*, veiculado em 1993 em livro que contou com a organização de Marcel Burzstyn; (4) *Envolvimento e desenvolvimento: introdução à simpatia de todas as coisas*, contribuição em 1994 a seminário da Fundação Joaquim Nabuco. O professor Armando denominou a coleção de 1996 *A casa e suas raízes*, com o subtítulo elucidativo *ensaios sobre ecologia, economia e “ecomenia”*. Contém o prefácio, esses quatro textos citados e mais documentos em anexo. *Introito, quase rito de iniciação* é uma apresentação do próprio autor:

O presente volume, (...) de certo modo serve (...) para rastrear um percurso que, simbolicamente, se inicia na Hileia e termina em Gaia. Ou, visto por um ângulo diferente, todavia não contraditório, vai do tema econômico ao ecumênico. Transita, então, pelo tema ecológico. É este que dá o tom à orquestração.

(...) os textos aqui reunidos documentam uma transição nos objetos de pensamento (e nos projetos de ação) do autor. Durante muitos anos, objeto e projeto se (re)unem, prioritariamente (com desvios conjunturais), em torno do tema Amazônia. E essa história de vida se construiu a partir de preocupações com o desenvolvimento regional (Mendes, 1996, p. 23).

A Amazônia, com sua questão ecológica, é portanto tema do livro, que tem prefácio assinado, em junho de 1995, por Benedito com o título “À margem do livro”. Se Benedito sempre foi criativo na designação de seus trabalhos, entendemos também que a forma apolínea – no sentido de exprimir beleza – de “À margem do livro” é bem visiva no primeiro parágrafo desse prefácio, que consegue combinar o tempo de sua amizade com Armando – e o tempo sempre foi um grande tema na obra de Benedito –, o gosto pela música e a referência à literatura, justamente centrada em personagem de Guimarães Rosa, autor estudado por Benedito desde os anos 1950, de forma especial a partir de *Grande sertão: veredas*. Sabemos

que, no clássico de Rosa, Riobaldo é o narrador que tece sua história de vida revelando-se reflexivamente a si próprio.

O comentário que se vai ler melhor ficaria ao lado ou à margem desta coletânea, e não à sua frente, como manda a convenção acadêmica das apresentações. Pois que adota o tom de conversa, afinado pelo acorde dominante da já quadragenária relação de amizade que me liga a seu autor. A cada uma das frequentes visitas de Armando Mendes a Belém entregamo-nos ao hoje raro e suspeito prazer da conversação ociosa, à maneira de Riobaldo, para especular ideias (Nunes, 1996, p. 11).

Esse pequeno trecho parece repleto de significados quanto aos sentimentos de Benedito. No introito já referido, Armando observou que o “tema ecológico (...) dá o tom à orquestração” do livro (Mendes, 1996, p. 23). Como não relacionar tal comentário com os seguintes apontamentos de Benedito Nunes (1996, p. 11): “tom da conversa, afinado pelo acorde dominante”? Observamos ainda, sobre o prestígio da música nas reflexões de Benedito, que ele fez em 1975 uma conferência no Conservatório Carlos Gomes em Belém, trabalho publicado por revista da UFPA e depois incluído no livro *Crivo de papel* com o título “Música, filosofia e literatura” (Nunes, 1998). Mais sobre música: “Maria Sylvia e Benedito Nunes rompiam o Ano-novo, desde tempos imemoriais, ouvindo a Sinfonia n. 40 de Mozart, ao som do qual se faziam os brindes, acompanhados dos votos de felicidades” (Chaves, 2011, p. 292).

É notória na obra de Benedito a valorização da amizade dos intelectuais do Pará, como Armando Mendes, falecido em 2013. Os pensadores da geração de Benedito e aqueles um pouco mais antigos são vistos como autodidatas, mas há também alusões elogiosas a pessoas mais novas, quase sempre atraídas pelo brilho do professor de Filosofia. É importante enfatizar que, entre os diversos caminhos trilhados nos estudos sobre o pensamento social brasileiro, está a análise das “relações estabelecidas entre os membros dos grupos que se dedicam à atividade intelectual” (Bastos *et al.*, 2006, p. 12).

Cabe recapitularmos aqui alguns momentos que simbolizam a aproximação entre Benedito e Armando (Guimarães, 2012), afinal, em “À margem do livro” (1996, p. 11), ele cita sua “quadragenária relação de amizade” com Armando, o que nos leva a pinçar registros importantes da proximidade entre os dois – sem, é claro, a intenção de esgotar a história desse convívio: a nomeação concomitante de ambos para o TCE, onde foram auditores; a participação no cineclube *Os espectadores*; a convivência na UFPA, a cujo quadro pertenceram; a presença de Benedito nas citações feitas por Arman-

do no livro *A cidade transitiva: rascunho de recordância e recorte de saudade da Belém do meio do século*, com evidente propósito memorialístico e saudosista; a orelha que Benedito escreveu para *O cidadão transeunte*, outro livro de Armando; a participação de Benedito no compêndio comemorativo *Amazônia, terra e civilização: uma trajetória de 60 anos*, que Armando organizou sob o patrocínio do Banco da Amazônia (Basa); a presença de ambos os autores como expositores do seminário “Interdisciplinaridade nas Ciências Humanas”, realizado em 1980 no Naea etc. Para estudo futuro, localizamos até mesmo um artigo de 1993, sobre orçamento público, que Benedito e Armando construíram juntos e veicularam no jornal *O Liberal*: “A privatização do erário” (Guimarães, 2012). Armando Mendes (2008) foi o autor dos documentos de concepção original do Naea, onde também atuou como professor.

Feitas essas considerações, podemos retornar ao texto “À margem do livro”. Benedito também faz alusão a outros livros de Armando – como *O mato e o mito* (Mendes, 1987), por exemplo, para se fixar então na questão ecológica que as inscrições textuais desses dois professores abordam, estabelecendo logo aí uma diferença entre os interesses maiores que moveram individualmente suas inquietações intelectuais: “Armando chegara à questão ecológica seguindo o problema do desenvolvimento regional; eu a vislumbrara através do problema ontológico, na fase moderna, interpretado por Heidegger como esquecimento do ser” (Nunes, 1996, p. 11). Entendemos que esse trecho define todo o ritmo de “À margem do livro”, pois Benedito deixou claro o motivo da sua atenção pela questão ecológica. Ora, um problema é ontológico porque pertence à ontologia, uma parte da filosofia que trata do ser enquanto ser. Na filosofia existencial, a ontologia toma o modo de ser do próprio homem como objeto principal de reflexão. Para Benedito, a “ontologia de Heidegger nasce da finitude humana interpretada em função do tempo” (Nunes, 2009, p. 76). Se há esquecimento do ser, o homem não reflete sobre seu próprio modo de ser, não coloca tal questão a si próprio, não há reflexão, e sim alienação.

Voltemos a essa afirmação categórica de Benedito em “À margem do livro” que coteja os dois intelectuais: por um lado, ela não surpreende seus leitores, sobretudo por Armando ter graduação em Economia e ter presidido o Basa, enquanto Benedito se situou predominantemente na Filosofia. No entanto, por outro lado, entender as declaradas razões da atenção de Benedito pela questão ecológica passa por algum conhecimento das ideias de Martin Heidegger (falecido em 1976) em sua filosofia da técnica mo-

derna. Entre os pensadores situados na chamada filosofia contemporânea, percebemos que Heidegger foi o mais estudado por Benedito, e o livro *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger* (Nunes, 1986) fez jus ao primeiro prêmio Jabuti recebido pelo escritor paraense em 1987.

Certamente impulsionado pelas leituras de Martin Heidegger, Benedito costumava ler o tempo como passado/presente/futuro indissociáveis. Isso levava o mestre a desenvolver suas explicações como se também fizesse arqueologia (Guimarães, 2012). É também a partir de leituras heideggerianas que Benedito enfocou o uso da técnica – pauta polêmica quando se refere à Amazônia – refletindo sobre vantagens e desvantagens da expansão planetária das novas tecnologias propiciadas pelo progresso da ciência.

Em entrevista realizada por Márcio Benchimol Barros e Ernani Chaves, Benedito Nunes (2008, p. 15) recordou o início do seu envolvimento com a filosofia e a obra de Heidegger: as visitas frequentes à biblioteca – onde havia “livros franceses encadernados” – da casa, na travessa Quintino Bocaiúva, em Belém, de seus primos, os irmãos Ribamar, Levi e Sylvio Hall de Moura. Em seguida, Benedito ganhou, de Ribamar, Heidegger no original em alemão. Então, “o pensamento dele, pra que eu use o termo certo, me apaixonou” (Nunes, 2008, p. 15).

Anos depois de *Passagem para o poético...* ter sido premiado, Benedito publicou um pequeno volume denominado *Heidegger & Ser e tempo* – a primeira edição é de 2002 –, na Coleção Passo a passo, buscando uma linguagem instrutiva e mais acessível aos interessados em conhecer o pensamento de Heidegger:

(...) o *Dasein* é o ente que compreende o ser, o que significa compreendê-lo em sua existência e entender a existência como possibilidade sua, de ser ou de não ser si mesmo, com o qual está concernido. Se o *Dasein* é um ente, é um ente que põe em jogo seu próprio ser. Assim, o que se visa em *Ser e tempo* – elaborar a questão do ser – é esse mesmo jogo da questão, da pergunta, do sentido do ser. (...) Para o (*Dasein*) (...), existir é interpretar-se. E interpretar-se é questionar-se. (...) Por isso, insiste Heidegger em dizer-nos que este ente que nós mesmos somos, o *Dasein*, é aquele que, em virtude do seu próprio ser, tem a possibilidade de colocar questões (Nunes, 2004, p. 12-13).

Portanto, ao atentarmos para o *Dasein* no conteúdo desse pequeno livro, passamos a apreender melhor as referências de Benedito ao problema ontológico do esquecimento do ser como crise da razão. *Dasein* é termo

em alemão que Benedito usou no original, sem tradução. É uma palavra corrente na língua alemã, resultante de *Da* (aí) e *Sein* (ser) (Nunes, 1986).

Ser e tempo (*Sein und Zeit*), livro lido por Benedito no original em alemão, foi publicado em 1927 (Nunes, 1986). O esquecimento do ser passa a desconsiderar a possibilidade de colocar questões. A técnica e a ciência fazem “do conhecimento a ferramenta do poder humano” sobre os recursos da natureza que são continuamente explorados frente “à demanda cada vez maior de matéria e energia (por parte) da sociedade” (Nunes, 1996, p. 12). Benedito buscou apoio em Heidegger para explicar a *hybris*, ou, dizendo de outra forma, os excessos e descomedimentos do homem moderno: “o poder excessivo, planetário, da técnica, que saqueia e devasta a Terra” (Nunes, 1996, p. 12). Logo, há referências do professor a prejuízos ambientais: “Resíduos nucleares, poluição do ar e das águas, desmatamento, extinção de espécies animais e vegetais, desestruturam a integridade orgânica do hábitat e põem sob risco a subsistência da própria vida” (Nunes, 1996, p. 12). Salientamos que a origem do termo *hybris* está na tragédia grega: alude ao orgulho desmedido e à arrogância do herói, que são responsáveis pela sua posterior queda.

Heidegger, com seu acervo filosófico sobre o uso da técnica, é tema que interessa à Amazônia? É assunto do Naea? Uma forma de responder afirmativamente é relembando que, em 1997 – portanto logo depois da edição do livro de Armando com prefácio de Benedito –, o Naea publicou o artigo *Heidegger como crítico da técnica moderna*, de Franz Josef Brüseke (1997, p. 1), que inclusive agradeceu a Benedito “pela leitura minuciosa (do) texto e pelos valiosos comentários”.

Quem quiser tomar conhecimento da relação de Heidegger com a técnica, vai se confrontar com mais de uma discussão sobre novas tecnologias ou o, mais de uma vez lamentado, caráter alienador do trabalho industrial. A crítica da técnica moderna de Heidegger abrange todos os aspectos que contribuem para o esquecimento do Ser como a natureza reificada e objetivada, a cultura como indústria, a política usurpadora e os ideais cobertos por construções apressadas e fugazes (Brüseke, 1997, p. 1).

Ressaltamos nosso entendimento sobre o trecho de Brüseke: reificar a natureza é tratá-la como coisa.

Atualmente, outro professor de filosofia que se destaca na recepção de Heidegger é Oswaldo Giacoia Júnior (2013), pertencente ao quadro da Unicamp, que se pronuncia sobre esse filósofo alemão e o desenvolvimento

tecnológico para justificar por que há urgência em estudar seu pensamento. Quanto às associações entre Heidegger e Nietzsche feitas por Giacoia, observamos que Benedito Nunes (2000) também é autor do trabalho *O Nietzsche de Heidegger*, baseado em conhecimento profundo das obras de ambos. Transcrevemos a seguir trechos de Giacoia e de Benedito com pontos coincidentes:

Heidegger se pergunta se o desenvolvimento tecnológico não se encontra enredado em uma escala compulsiva, em uma espiral infinita, que, em vez de resolver nossos impasses, nos impele, cada vez mais, para a beira da catástrofe – por exemplo, ecológica, o que coloca em risco as possibilidades de uma autêntica vida humana na Terra. Por isso, é urgente, hoje, pensar com Heidegger, mesmo que seja contra Heidegger, assim como ele pensou com Nietzsche e, sobretudo, contra Nietzsche (Giacoia Júnior, 2013, p. 10).

Seria (...) ingenuidade pensar que ao identificar a Metafísica de Nietzsche, Heidegger a ela se identifique. E porque assim não ocorreu, a interpretação de Nietzsche por Heidegger tanto fortaleceu a identidade própria de seu pensamento quanto reavivou, alargou e robusteceu a inabstraível e inapagável identidade filosófica do pensamento nietzscheano (Nunes, 2000b, p. 58-59).

De cotejo em cotejo, o fundamental é deixarmos ao claro que, comparando as suas próprias meditações com as de Armando, quanto ao interesse pela questão ecológica, Benedito conseguiu evidenciar a diversidade de ângulos sob os quais essa complexa discussão pode ser conduzida. Por conseguinte, é tema para foros multidisciplinares que não podem excluir a filosofia. Demandam reflexão e conhecimento de sujeitos abalizados. “Pode-se dizer, parodiando Heidegger, para quem a técnica não é somente uma questão técnica, que a questão ecológica não é somente ecológica” (Nunes, 1996, p. 15). É preciso reflexão e conhecimento para que tal discussão aconteça em nível intelectual elevado.

Os novos campos do conhecimento não solicitam, apenas, pensadores, gestores ou atores do *oikos*, enquanto tais, na Amazônia e fora dela. Ao contrário, estão a ansiar por aficionados, amigos da sabedoria natural e sobrenatural. Pois esse é o chão de filósofos e teólogos (Mendes, 1996, p. 25).

Ainda nas letras de “À margem do livro”, Benedito abordou o pensamento que provoca atitudes preservacionistas em defesa do ambiente. Depois, caminhou para situar a questão ética, reportando-se principalmente ao livro de Hans Jonas denominado *O princípio responsabilidade: ensaio de uma éti-*

ca para a civilização tecnológica (Jonas, 2006). “Hans Jonas mostrou-nos (...) que o problema ontológico e o problema do desenvolvimento são extremos que se tocam, sob o foco da questão ecológica, através de um terceiro termo, ético” (Nunes, 1996, p. 13) – de certo modo, ao transcrever esse pensamento de Jonas, Benedito confrontou mais uma vez o seu interesse pessoal antes declarado pela ontologia com o de Armando pelo desenvolvimento, assinalando essa diferença. Hans Jonas, falecido em 1993, foi aluno de Martin Heidegger, o que ajuda a entender seu interesse por questões relativas ao uso da técnica moderna e seus perigos. Aquele autor se opõe em sua obra “ao crescimento econômico ilimitado” e entende destarte que “a limitação do crescimento” é “um corolário de ética da responsabilidade”, com o que Benedito demonstrou concordar (Nunes, 1996, p. 13). No prisma ético, Jonas apresenta seu livro fazendo uso inicial da tragédia grega, com o semideus mitológico Prometeu, então sem as correntes:

O Prometeu definitivamente desacorrentado, ao qual a ciência confere forças antes inimagináveis e a economia um impulso infatigável, clama por uma ética que, por meio de freios voluntários, impeça o poder dos homens de se transformar em uma desgraça para eles mesmos (Jonas, 2006, p. 21).

Nas páginas de “À margem do livro”, Benedito mostrou também que Armando, em seu livro *O mato e o mito* (Mendes, 1987) – anterior ao *A casa e suas raízes* – criticara a “concepção dos grandes projetos nacionais” para a região, enquanto “a integridade regional da Amazônia se desagrega” (Nunes, 1996, p. 13-14).

Armando enfrentou, sob a forma de dilema valorativo, o conflito (...) entre a conquista da abundância, sem a qual a economia deixa de servir aos homens, e o risco da destruição do ecossistema pelo crescimento da riqueza, como padrão de desenvolvimento que a tal conquista levaria (Nunes, 1996, p. 15).

Se esse dilema de Armando está nas páginas de *O mato e o mito* (Mendes, 1987), em “À margem do livro” Benedito vislumbrou, nesse livro mais novo *A casa e suas raízes*, a “decisão” do dilema do economista, com a conceituação conciliadora do desenvolvimento sustentável, que harmonizaria o crescimento da economia com a preservação da natureza, e que, “conciliando os princípios da utopia e o da responsabilidade, também conciliaria a economia e a ecologia” (Nunes, 1996, p. 15). Para explicar desenvolvimento sustentável, Armando Mendes (1996, p. 24-25) se reportou

a dois fundamentos universais: “o do desenvolvimento humano e o do seu envolvimento com a natureza”. E acrescentou que “é da tensão entre eles, e de sua mútua contenção, que se forja a utopia (...) do desenvolvimento sustentável” (Mendes, 1996, p. 25).

Os princípios de utopias e sonhos portadores de esperança são a essência das ideias do filósofo marxista Ernst Bloch, falecido em 1977, cuja obra mais conhecida é *O princípio esperança* (Bloch, 2005). Se o discurso de Bloch visa à utopia, o de Jonas tem foco na responsabilidade com as gerações do futuro. É a diferença marcante entre os dois princípios, e Benedito se aproximou mais de Hans Jonas.

Como tal “questão ecológica é mais do que ambiental”, Benedito direcionou sua exposição ao entendimento do que “Armando Mendes batiza de envolvimento”: não deixa de ser “o *a priori* afetivo das concepções ecologistas” extremadas e arcaizantes, como a *deep ecology*, que o livro *A casa e suas raízes* “põe em causa” (Nunes, 1996, p. 17). As ideias de Armando buscam todavia uma “ecologia amplificada” (Nunes, 1996, p. 20).

(...) a ecologia amplificada (idealizada por Armando) deverá contribuir, em conjunto com a economia, para recriar o meio ambiente em função da casa inteira, da moradia humana, bem de consumo durável, e para beneficiar os seus habitantes. Mas a conciliação humanística entre os dois domínios reorientados, o econômico e o ecológico, far-se-á como processo histórico (Nunes, 1996, p. 20).

Esse humanismo não é antropocêntrico, mas tem ideias presentes no cristianismo como cúmplices: “homem e natureza são criaturas, parceiros de uma mesma criação divina, que culminou na consciência humana” (Nunes, 1996, p. 20). Nessa visão do criacionismo, se o homem tem consciência, deve estender seus cuidados a animais, vegetais e moradas (águas, ares e solos), com a perspectiva da “ética da responsabilidade perante as gerações futuras”, aos moldes de Hans Jonas (Nunes, 1996, p. 21), concluindo Benedito que, na perspectiva de Armando, “a Terra seria afinal o âmbito ressacralizado de uma nova cultura e uma outra sociedade” (Nunes, 1996, p. 21). Mas Benedito ainda faz, em sua apresentação, um fecho espiritualoso em relação ao desenho de Armando em *A casa e suas raízes*: “deixo ao leitor o encargo de descobrir quais os santos patronos dessa aliança ecumênica, poética e sacramental entre economia e ecologia” (Nunes, 1996, p. 21).

A casa e suas raízes (é) uma aberração semântica. Casa não combina com raízes, mas com alicerces. E se o sentido impróprio vence, nesse caso, o sentido literal,

é porque há casas arborescentes, de cobertura vegetal enraizada no solo, como a floresta amazônica. Assunto da primeira exposição desta coletânea, a Amazônia, onde o pensamento do autor se enraíza, continua presente em imagem, mesmo quando de todo ausente nas demais, suporte metafórico que é do conceito de ‘ecomenia’, o tratamento da terra habitada, a casa, para a qual contribuem, em conjunto, partilhando suas competências em torno do mesmo objeto que lhes conferiu a palavra grega *oikos* (casa), de que provém economia e ecologia. À terra habitada, globalização do ambiente natural e do mundo humano, da cultura e da natureza, transfere-se o holismo originário da última disciplina (Nunes, 1996, p. 16).

Enfim, retornamos ao comentário de Benedito sobre tempo e processo histórico, para acrescentarmos à discussão mais dois fatos posteriores à criação de “À margem do livro”. O primeiro é o registro do artigo “O Doce Mago da Floresta Amazônica”, dedicado a Benedito pelo autor Oswaldo Giacoia Júnior. Transcrevemos um trecho desse trabalho com referências à crise da razão no século XXI e ao Iluminismo na Alemanha (*Aufklärung*). O segundo fato é a conversa de Benedito com Marcos Nobre e José Marcio Rego exposta no livro *Conversas com filósofos brasileiros*. Nessa entrevista, as colocações de Benedito foram de adesão à responsabilidade de Hans Jonas, e não à utopia de Ernst Bloch, como citaremos adiante.

Entre nós, o filósofo Benedito Nunes talvez tenha sido um dos primeiros a remeter o pensamento sobre as perguntas, os desafios, a desorientação que emerge desse panorama de crise permanente à necessidade de reflexão profunda sobre a experiência do tempo que corresponde à modernidade – um tempo histórico do qual, como pretendia Kant, a *Aufklärung* se constitui num signo diagnóstico, rememorativo e retrospectivo. E uma vez que o historicismo integra essencialmente o programa crítico da *Aufklärung*, também ele contribuiu de maneira decisiva para a formação da moderna consciência histórica. Assim, a reflexão sobre a crise da razão se desdobra na pergunta pelo relacionamento entre a história e o tempo na modernidade, relacionamento no interior do qual o problema do sentido da história se conecta subliminarmente com uma experiência do tempo a ser trazida à superfície da autorreflexão e explicitada filosoficamente. É sob essa ótica que se pode descortinar uma abordagem promissora sobre o entusiasmo tipicamente moderno pela revolução – meio e veículo por excelência para a realização das possibilidades humanas e do sentido da história (Giacoia Júnior, 2011, p. 23-24).

Para mim, é muito interessante o princípio de responsabilidade, que faz justamente a crítica à utopia. Porque essa é a era da abundância, obtida às custas da destruição da natureza. (...)

Então, aceitaria para o futuro, não a utopia, mas a melhor vida possível – a *endemonia*. Temos de ter uma conversão da humanidade pela história (Nunes, 2000a, p. 88).

Pinçamos ainda dessa entrevista a última pergunta de Nobre e Rego e a respectiva resposta de Benedito:

(Pergunta:) Nossa sociedade produz incessantemente elementos autodestrutivos como riscos ambientais globais, ameaças de desintegração social em larga escala e alienação cultural em massa. Como o senhor vê tais problemas?

(Resposta:) Esses problemas podem ser focalizados por intermédio da grande *hybris* do mundo moderno, que é a dominação da natureza. Heidegger é o primeiro pensador que favorece uma filosofia com acento ecológico, justamente na sua postulação da técnica. Não é um antimaquinismo à semelhança daqueles ingleses do século XVIII, que destruíam as máquinas. É um absurdo deixar a técnica de fora, pois é por meio dela que pode vir a nossa salvação (*Rettung*). Mas além da técnica existem outros aspectos correlatos. Eu os enumerei uma vez: a devastação da terra, a massificação, a perda de vínculos dos homens e a chamada fuga dos deuses, uma outra fórmula para a morte de Deus (Nunes, 2000a, p. 88).

É evidente que outras contribuições sobre o uso da técnica e os decorrentes impactos ambientais podem ser extraídas do prefácio denso de Benedito e seus pronunciamentos correlativos que percorrem diferentes pensadores e ideias. De todo modo, se há uma preocupação maior presente em sua expressão sobre a questão, entendemos que ela está apontada para o esquecimento do ser, como interpretado por Heidegger. “No vazio do esquecimento do ser (...) implantava-se a *hybris* dos tempos modernos: o poder excessivo (...) da técnica” (Nunes, 1996, p. 12). Falta uma relação pensante entre o homem e a essência da técnica. Sem reflexão, com a razão em crise, não existem mais hoje os prazeres “de todo ser que pensa” comentados antes por Montesquieu (2005, p. 13)? Teria a expressão “À margem do livro”, com seu convite à reflexão, também o atributo de algo à parte do que muitas pessoas conduzem nas rotinas dos dias atuais com a massificação do homem? Se o assunto é a Amazônia, esse rótulo “À margem do livro” pode levar à imaginação dos seus leitores, pela via trocadilhista, a Euclides da Cunha com o seu *À margem da história*? São problemas e, assim, uma boa maneira de fazer um fecho neste artigo, contudo sem cortar as possibilidades de o debate prosseguir, sobretudo associando à Amazônia essa retomada do pensar.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. B. Três vezes Benedito. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v. 6, n. 2, p. 395-399, maio-ago. 2011.
- BASTOS, E. R. et al. Apresentação, in: *Conversas com sociólogos brasileiros*. São Paulo: 34, 2006, p. 7-12.
- BLOCH, E. *O princípio esperança*. Trad. Nélcio Schneider e Werner Fucks. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- BRÜSEKE, F. J. Heidegger como crítico da técnica moderna. *Papers do Naea*, Belém, n. 71, jan. 1997.
- CHAVES, L. S. Texto sem título, in: *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: Secult, 2011, p. 292.
- GIACOIA JÚNIOR, O. *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- _____. O Doce Mago da Floresta Amazônica, in: LINS, D.; OLIVEIRA, N.; BARROS, R. (org.). *Nietzsche/Deleuze: natureza/cultura*. São Paulo: Lumme Editor, 2011, p. 23-57.
- GUIMARÃES, M. S. F. P. Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia (resumo de dissertação). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 8, n. 3, p. 807, set.-dez. 2013.
- _____. *Um olhar atrás da escrita: o pensamento de Benedito Nunes sobre a Amazônia*. Dissertação (mestrado em Planejamento do Desenvolvimento). Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, UFPA, Belém, 2012.
- _____; CASTRO, E. M. R. de. Benedito Nunes e reflexões sobre a Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v. 6, n. 2, p. 409-424, maio-ago. 2011.
- JONAS, H. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Trad. original alemão Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.
- LESSA, R.; KAPLAN, S. Benedito Nunes: amazônico e universal. *Ciência Hoje* – SBPC, Instituto Ciência Hoje, Rio de Janeiro, n. 280, v. 47, 2011, p. 60-67.
- MENDES, A. D. Naea: os primórdios, in: COSTA, J. M. M. da (org.). *Desenvolvimento regional: uma década de experiência amazônica (1973-1983)*. Relatório Naea. Belém: Naea, 2008, p. 97-101.
- _____. *A casa e suas raízes: ensaios sobre ecologia, economia e “ecomenia”*. Belém: Cejup, 1996.
- _____. *O mato e o mito*. Belém: UFPA, 1987.
- MONTESQUIEU, C-L. de S., Baron de. *O gosto*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Iluminuras, 2005.

- NASCIMENTO, M. de F. do. Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira (1946-1969). (resumo de tese). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 8, n. 2, p. 485, maio-ago. 2013.
- _____. *Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira* (1946-1969). 2 v. Tese (doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2012.
- NUNES, B. Arqueologia da arqueologia, in: *O dorso do tigre*. São Paulo: 34, 2009, p. 61-77.
- _____. Depoimento. Entrevistadores: Márcio Benchimol Barros e Ernani Chaves. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 31, n. 1, 2008, p. 9-23.
- _____. *Heidegger & Ser e tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. Depoimento. Entrevistadores: Marcos Nobre e José Marcio Rego, in: NOBRE, M.; REGO, J. M. (org.). *Conversa com filósofos brasileiros*. São Paulo: 34, 2000a, p. 69-89.
- _____. *O Nietzsche de Heidegger*. Pref. Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Pazuli, 2000b.
- _____. Música, filosofia e literatura, in: *Crivo de papel*. São Paulo: Ática, 1998, p. 73-86.
- _____. À margem do livro, in: MENDES, A. D. *A casa e suas raízes: ensaios sobre ecologia, economia e "ecoménia"*. Belém: Cejup, 1996, p. 11-21.
- _____. *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Ática, 1986.
- TARRICONE, J. *Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes*. São Paulo: Edusp; Fapesp; Belém: Ed. da UFPA, 2011.
- TUPIASSÚ, A. Multimodo, profuso, inquieto, in: CHAVES, L. S. (org.). *O amigo Bené: fazedor de rumos*. Belém: Secult, 2011, p. 240-243.